

Elle - música, amor e amizade (Série Jack Rock - Volume 1)

Aretha V. Guedes

Aos quatorze anos, Elle tinha uma vida perfeita, com pais amorosos, lar feliz e seu vizinho e melhor amigo, Chris, por perto. Porém, em uma noite fria, seu amigo vai embora em busca de seu grande sonho: se tornar uma estrela do rock.

Quatro anos depois, quando uma tragédia os reúne, Chris, agora guitarrista da famosa banda Jack Rock, vai ao resgate de sua amiga de infância, que está crescida e não quer mais ser protegida.

Conseguirá a amizade de infância resistir à vida adulta, ou a busca de Elle pela independência a levará para outros caminhos?

PRÓLOGO

Olho para o céu e noto que não há estrelas esta noite. Está escuro e um vento frio bate em meu rosto. Tenho uma sensação ruim, então me encolho entre as flores do quintal da minha casa. Não quero que minha mãe me veja aqui. Deveria ter colocado um casaco e não ter saído às pressas de pijama, mas ouvi gritos na casa ao lado e sabia que algo não estava bem.

Escuto um leve barulho e a porta que partilhamos com os vizinhos se abre. Chris aparece carregando seu violão e algo a mais em suas costas e senta-se ao meu lado. Ele ama a música e isto não seria um problema se não fosse o querido papai dele: "O Delegado Sargento Ditador". O velho tolo acredita que música é para perdedores, vagabundos, tatuados e drogados. Ter um filho músico seria a pior das traições.

- Ouvi os gritos, vim para cá assim que li sua mensagem. - digo para ele.

Mesmo na penumbra vejo o quanto está abatido. Seu cabelo loiro e liso cai cobrindo seus olhos e desce até a altura dos ombros. Eu o acaricio com a mão, colocando uma mecha solta para trás, quando ele me olha e começa a falar em um tom triste, porém decidido.

- Não posso mais viver assim, Elle. Sei o que quero da vida e não é seguir o legado da família.

Há cinco gerações sua família tem se dedicado à carreira policial, então seu destino estava traçado antes mesmo do nascimento. Para seu pai, isso era uma questão de honra. Contudo, viver os próximos setenta anos se achando o dono desta cidade só porque era o chefe de polícia não estava nos planos de Chris.

- Ele descobriu sobre as aulas de música. Acabou, porra! - Chris esbraveja.

Ah, merda. Esta tinha sido minha última ideia brilhante. Oficialmente, eu era a aluna matriculada, mas era ele quem participava das classes. Franzo

minha testa e olho para Chris, pensando em como esta situação está ficando sem solução:

- Ele brigou muito? O que aconteceu?

Temo o pior. Delegado ou não, tenho certeza que papai me ajudaria a chamar autoridades de fora da cidade. Não iríamos tolerar espancamentos! Mas não vejo sinal de agressão, não do tipo físico, pelo menos.

Como alguém tão bom pode ser filho de um imbecil desse?

- Ele pensou em me bater e eu já estava pronto para a briga, mas ao invés disso me mandou escolher: a música ou ele, não poderia ter os dois - Chris dá uma risada sem humor - A decisão não foi difícil, não o queria em minha vida mesmo... Mas quase o escolhi por você.

Ele me dá um olhar triste, como se me pedisse desculpas. Que poder teria eu de influenciar qualquer decisão dele?

- Por mim? Por quê? - pergunto confusa.

Ele estende a mão e toca de leve em meu rosto. Com o polegar, seca uma lágrima que eu havia derramado sem perceber.

- Eu escolhi a música, mas perdi você, não entende? Ele disse que nunca mais queria me ver aqui ou mandaria me prender.

Isto não faz sentido! Onde ele viveria? Como eu vou saber se ele estará bem? E se a música não fosse suficiente? Notas musicais não alimentavam ou protegiam do frio e do crime. Abraço-o com força, como se pudesse impedi-lo de partir.

- Mas você não pode ir sozinho, eu vou com você!

Ele acaricia meus cabelos para me acalmar como fazia quando eu era pequena e estava chateada:

- Elle, você só tem quatorze anos, não posso te levar.

Choro em seu peito, molhando sua camisa.

- Você também é menor de idade.

- Sim, mas aposto que O Delegado adoraria uma desculpa para me dar uma lição. Além disso, você não faria isso com seus pais. Eu não posso deixá-la morar nas ruas, querida.

Levanto minha cabeça para olhá-lo, seu coração estava tão partido quanto o meu?

- E você, Chris? E se acontecer algo com você?

E se ele adoecer? E se ele morrer?

- Eu sei me cuidar! Treinado desde o berço para ser o robocop, lembra?

Ah, sim, o serviço de proteção à infância realmente deveria dar uma olhada em como O Delegado criava, ou melhor, treinava seus filhos (e vizinhas intrometidas) para servir à Lei e Ordem no futuro. Mas ainda não é o suficiente para mim.

Continuo abraçando-o, inalando seu cheiro amadeirado e me pergunto quando será a próxima vez que farei isto de novo? Poderei fazer novamente?

Ele está decidido e nós sabíamos que este dia chegaria. Não havia negociação com O Delegado, mas eu ainda tentaria convencer Chris a ficar.

- Chris, como você vai escovar os dentes se morar nas ruas? Não pode ser famoso se for desdentado! Venha morar comigo, por favor!

Seu peito retumba contra o meu por causa de sua risada.

- Ah, Elle, sentirei tanto a sua falta! Mas você sabe que não posso ficar.

Eu também sentiria falta dele, mais que um amigo, era um companheiro para todas as horas. Ele merecia tudo e esta cidade não poderia oferecer mais nada para o seu futuro.

- Eu sei, vá ser famoso, mas não se esqueça de mim, viu? Provavelmente em pouco tempo serei apenas uma velha lembrança de uma infância perdida.

Minha tentativa de piada é arruinada com um acesso de choro, Chris me olha sério:

-Helena! Jamais repita isto novamente! Olhe para mim, eu prometo que vou voltar para buscar você.

Odeio que usem meu nome todo, geralmente isso só acontece quando estou com problemas ou prestes a me dar muito mal.

- Não me venha com Helena! Você promete mesmo?

Ele levanta uma mão e coloca a outra no peito, como se estivesse fazendo um juramento:

- Sim, eu prometo solenemente que um dia quando ambos estivermos podres de ricos vamos comprar casas vizinhas. Moraremos um ao lado do outro até que a morte nos separe, amém!

Quando termina dá um sorriso bobo para mim.

- Nem me olhe com esta cara, prometeu agora vai ter que cumprir!

Estamos em pleno século XXI, temos tecnologia a nosso alcance com internet em locais públicos. Tenho certeza que ele consegue encontrar uma forma de me manter informada sobre seu paradeiro, se quiser.

- Certo, mas você não pode dizer nada para nossos pais ou para Samantha. E fique de olho nela por mim.

- Não se preocupe, eu a manterei segura. - faria isto mesmo que ele não me pedisse.

Sam era uma boa menina de doze anos, nossa pequena mascote. Sempre presente, mas nunca teve com ele a mesma ligação que nós dois compartilhávamos.

Chris me olha com pesar, a dor da partida evidente em seu rosto. Ele se aproxima e encosta sua testa na minha, apoiando sua mão em meu pescoço.

- Te amo, Elle, você sempre estará em meu coração. Não esqueça que se precisar de mim, eu voltarei por você.

Passo a mão em seu rosto, memorizando seus belos traços uma última vez.

- Te amo, Chris! Conquiste o mundo! Quando todos souberem o quanto você é especial, talvez não deixem que eu te veja mais, então não se esqueça de sua promessa e de mim.

Ele beija minha testa e eu a sua. Em seguida, Chris se vai na noite fria, sob um céu sem estrelas, carregando não apenas sua guitarra e uma mochila velha, mas também uma parte de mim com ele.

CAPÍTULO 1 - Sem estrelas

Quatro anos depois

Quando era pequena, descobri que precisava de um esconderijo secreto. Não que meus pais fossem ruins e eu precisasse fugir deles: na verdade, não sabia que queria um até que entrei no meu pela primeira vez.

A escada para o sótão ficava acima do meu quarto, escondida atrás de um falso espelho. Foi meu presente de aniversário aos quatro anos, lembro-me bem daquele momento:

Minha festa havia acabado e eu ainda estava vestida de Cinderela e Chris de príncipe encantado. Mamãe nos colocou em frente ao espelho e disse:

– Vamos Elle, empurre a moldura, quero mostrar meu presente!

Era pesado e Chris precisou me ajudar. Quando terminamos, havia uma enorme escada! Subimos correndo e eu cheguei ao topo sem fôlego e sem palavras com tamanha alegria: estava em um mundo encantado!

As paredes eram pintadas com flores de todas as cores, árvores e um castelo! O chão parecia grama; mamãe explicou que era um tapete. E tinha um janelão de vidro, eu podia ver toda a rua e meu quintal. O sol ao longe já estava se escondendo, pintando tudo de laranja, parecia mágica!

Olho para o Chris e ele aponta para o teto. A luminária era em formato de sol e quando a luz se apagava, várias estrelas se acendiam formando um céu só para mim. Eram tantas novidades que eu não conseguia ver tudo. Estava em meu próprio jardim encantado. Todos os meus brinquedos estavam aqui, arrumados em prateleiras ou caixas. Havia também um pequeno palco com cortina.

Minha mãe se vira para o Chris e diz:

– Aqui não seria o cantinho especial da Elle sem um lugar para você, não é?

Ela aponta para o outro lado e vemos vários brinquedos de menino junto com um pequeno violão. O sorriso no rosto dele brilha mais que a luz do sol.

– Chris, querido, lembra como eu e Elle ficamos felizes com sua apresentação da escola? Você parecia um anjo cantando e tocando! Sua professora é minha amiga e me disse que você gostou tanto e aprendeu muito rápido, mas seu pai não gosta muito, não é?

– Não, tia Liz, só a mamãe achou bonito.

Ele não estava sorrindo mais, seu papai não era como o meu, ele nunca brincava com a gente, não parecia ser feliz. Antes eu tinha medo dele, mas comigo e com Sam ele não era tão mau, só com Chris.

– Eu sei, amor, sua mãe ficou muito orgulhosa de você, ela te ama muito, lembre-se sempre disso. Eles dois te amam. –ele apenas balança a cabeça concordando – Mas eu percebi que você merece ter seu próprio violão. Você pode brincar com seu violão aqui nesse palco. Esse é o mundo encantado de vocês, o esconderijo secreto dos dois.

Chris a abraça forte:

– Obrigado, tia, estou tão feliz!

Eu pulo de alegria.

– Mamãe, a senhora é a melhor mãe do mundo!

Ela nos abraça e diz:

– Lembrem-se crianças, esse tem que ser nosso segredinho, ok?

– Sim!

Nós dois gritamos e pulamos. Em seguida, mamãe foi embora e brincamos até adormecer no nosso lugar especial.

Sentada aqui, tantos anos depois, sinto a lembrança agridoce. A atitude da minha mãe pode ter sido controversa. Ela deu um presente sabendo que o pai da criança não aprovaria e isto definiu o futuro dele. O que teria acontecido se não fosse aquele primeiro violão?

O velho palco ainda estava lá. Chris imitou tantos artistas nele. Eu, na maioria das vezes, ficava apenas o observando cantar e tocar. Ao longo dos anos a decoração do quarto foi mudando de acordo com os nossos gostos, no início teve a fase Barbie versus super-heróis, mas rapidamente a música dominou o lugar. Principalmente pop e rock dos anos 80 e 90... Ok, ok, algumas boybands também, admito.

Crescer com o garoto de ouro da cidade como melhor amigo tinha sido fácil! Éramos lendários na escola, descolados por causa da aparência e voz do Chris e encrenqueiros por causa... Bem, por causa de mim. Não que eu fosse culpada, eu só tendia a ser um pouco reativa, ocasionalmente.

Namorar era complicado, sempre tinham ciúmes de nossa amizade. A única pessoa que realmente nos entendia era Samantha, a irmã mais nova do Chris. Quando ele partiu, ela foi minha grande companheira.

Chris... Ele conseguiu, estava em uma banda de rock! Sofreu muito nos primeiros meses, já que, por ser menor de idade, não tinha emprego fixo. Tocava por comida nos metrô, até um dia encontrar um rapaz mais velho, Arthur.

Juntos passaram a cantar em pequenos bares e lanchonetes, até, em um golpe de sorte, acharem um empresário disposto a encontrar os membros que faltavam para formar o grupo. Ele nunca me explicou bem como aconteceu, apenas sei que um dia Arthur não estava mais lá.

O empresário deles tinha grande influência e fazia fortuna ao encontrar "diamantes brutos". Quase um filantropo, tirando meninos das ruas e levando-os à fama, isso se você considerar como filantropia os milhões que ganhava com cada um.

Ele reuniu quatro jovens problemáticos: John nos vocais, Alysson no baixo, Chris na guitarra e Kim, a única garota do grupo, na bateria e os deixou conhecidos como a banda Jack Rock, ainda se mantendo nas paradas de sucesso do país com seu segundo CD lançado e terceiro a caminho.

E quanto a mim? Faltava um mês para o meu aniversário de dezoito anos e minha mãe, que sempre fora protetora comigo, estava muito pior. Depois que Chris partiu, ela temia que eu fugisse atrás dele, o que quase fiz algumas vezes.

Seu medo era tão grande que nunca consegui ir assistir a um único show. Também jamais sai da cidade. O mais longe que fui foi o sítio de um amigo de meu pai, que visitamos a cada quinze dias. Estou cansada desse lugar e desta vida, agora é minha vez de conquistar o mundo. Cansei de sempre pensar e nunca agir.

Em um mês serei legalmente maior de idade e fui aceita em uma universidade do outro lado do país, as aulas começariam em oito meses. Isto foi ideia do Chris, ele disse que preciso conhecer um pouco do "mundo fora dos limites desta cidade" antes de começar os estudos. Ele quer que eu conte logo aos meus pais, mas quero esperar meu aniversário. Estou louca para ser maior de idade e dar meu grito de liberdade. Ou quase, já que eles têm que pagar os estudos e o aluguel... Mal posso esperar para ser "independente".

Três dias depois

Estamos voltando de um dia tedioso no sítio. Geralmente me distraio com livros e música, mas estou com uma sensação ruim. Papai e mamãe também estão estranhos, tensos... O que está acontecendo? Será que descobriram a inscrição na universidade e estão esperando eu me explicar? Algo está errado...

Meus pais são amorosos e alegres, mas minha mãe está com os ombros retos, o rosto virado para a janela, perdida em pensamentos, enquanto meu pai dirige concentrado na estrada, segurando o volante com força. Pelo retrovisor percebo a testa franzida. O que estaria perturbando ele?

Sempre gostei de admirar as estrelas, mamãe sabia disso quando encheu o teto do esconderijo com elas e papai também quando comprou o carro com o maior teto solar que encontrou. Fico embaixo dele e olho para o céu novamente. Outra noite sem estrelas. Hoje está um pouco frio porque choveu à tarde e a estrada está escorregadia. Ainda falta muito para alcançarmos a rodovia estadual que nos leva de volta para a cidade. O silêncio no carro é angustiante.

- Mãe, liga o som, por favor? - peço entediada.

- Claro, filha. - mamãe responde sem ânimo.

Ela se estica para ligar e imediatamente o carro se enche dos acordes conhecidos da guitarra de Chris. Só isto já me acalma um pouco. Em seguida,

começa a voz rouca de John. Nunca o conheci pessoalmente, mas ele é lindo! E um notório mulherengo, os tabloides o adoravam.

A música estava chegando à parte que eu amava: o refrão. Pedi para mamãe aumentar, mas ela não me ouviu, então solto meu cinto e tento alcançar o som.

- O que é isso, menina? - meu pai grita comigo - Volte e coloque seu cinto!

Papai ainda estava virado para mim, me encarando com olhar recriminador quando minha mãe berra:

- Cuidado!

E então vem o caos: faróis, luz alta e a estrada molhada. O carro capota e como estou sem cinto, sou lançada para fora pelo teto solar. Barulho, chamas e calor. Estou longe, não posso me mexer. Por favor, papai e mamãe, voltem.

O céu não está mais escuro, a noite não está mais fria e o barulho do fogo é ensurdecedor. Até que a escuridão me leva para o esquecimento.